



## A DANÇA DOS ORIXÁS: ENTREVISTA COM O MESTRE AUGUSTO OMOLU<sup>1</sup>

THE ORIXÁS'S DANCE: INTERVIEW WITH THE MASTER AUGUSTO OMOLU

LE DANSE DES ORIXAS: INTERVIEW AVEC LE MAÎTRE AUGUSTO OMOLU

EL BAILE DE LOS ORIXÁS: ENTREVISTA CON EL MESTRE AUGUSTO OMOLU

*Antônio Marcos Ferreira Junior<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

Mestre Augusto Omolu foi ator do Odin Teatret, dirigido por Eugênio Barba, e mestre em Dança dos Orixás na Escola Internacional de Teatro Antropológico (ISTA). O mestre foi professor da Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia e Bailarino do Teatro Balé Castro Alves e era detentor do cargo de *Ogan*<sup>3</sup> de candomblé. Fundou uma ONG – *Iaô Ilê Augusto Omolu* para fomento da cultura afro-brasileira, particularmente, da Dança dos Orixás. Paralelamente, ministrava seminários de Dança dos Orixás em diversos lugares pelo mundo afora.

Esta entrevista foi realizada por ocasião do primeiro módulo do seminário de pesquisa em Dança dos Orixás na cidade de Salvador-Bahia, em 25/01/2010, na Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia.

---

<sup>1</sup> Esta entrevista constituiu-se fonte de pesquisa na Dissertação de Mestrado em Artes intitulada “**A dança dos Orixás de Augusto Omolu e suas confluências com a Antropologia Teatral**”, realizada e defendida no Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia – PPGArtes\UFU, no ano de 2011, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Bitencourt Meira. A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. *Augusto Omolu foi brutalmente assassinado em Salvador/BA em 2013.*

<sup>2</sup> Mestre em Dança pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Especialista em Interpretação teatral (UFU); Especialista em Ética e Filosofia Política (UFU); Bacharel em Filosofia pela (UFU); dançarino do Grupo *Strondum* de Dança contemporânea de Uberlândia; Arte Educador, diretor da Má Companhia de Teatro de Uberlândia, colaborador do Grupo cênico Corpo Encena (Universidade Federal de Goiás – UFG, Campus Catalão – Faculdade de Educação Física).

<sup>3</sup> Ogan (tornou-se um nome genérico dado aos tocadores de atabaques em terreiros de candomblé e umbanda) é um título honorífico (cargo/função), designado pelo Orixá ou pelo Babalorixá ou o pela Yalorixá. É de muita importância dentro das comunidades de terreiro, pois é o responsável pelos tambores que, por sua vez, são os interlocutores entre os homens e os orixás.



### **Como você promove e ou entende a transição da Dança dos Orixás da religião para a arte?**

**Mestre Augusto** - Preservo muito o lado religioso, fui por muitos e muitos anos de dentro do candomblé, toda a minha vida foi dentro dele. Comecei em 1976 com o grupo folclórico, naquela época todos os grupos tinham samba de roda, maculelê, capoeira e candomblé. O candomblé era no que eu mais me destacava porque já tinha familiaridade com todas as danças dos Orixás. Mas era como uma coisa folclórica. Esse termo folclore hoje me incomoda muito porque utilizavam e utilizam muito a figura dos Orixás ou, às vezes, muita coisa de fundamento religioso. Então eu senti que estava ferindo um pouco com a religiosidade, com a religião, porque o folclore usava o candomblé no palco, no teatro, como espetáculo. Então eu resolvi trabalhar de forma diferente, me aprofundando mais nos estudos da dança. Quando comecei a desenvolver um trabalho em cima da Dança dos Orixás fui misturando, criando um estilo como a dança afro-brasileira. Eu trabalhei o que eu tinha de conhecimento técnico com a dança moderna e com o balé clássico e a minha experiência de vida e de convivência com a os Orixás. Como movimento eu comecei a estilizar, usava um pouquinho o movimento dos Orixás e estilizava também com a dança clássica, juntava, mesclava um pouco. Fazia o movimento do Orixá e dava uma pirueta, um jeté. Assim contemporanizava um pouco. Não estava totalmente focado nos Orixás, mas sim nos seus movimentos. Isso já separava um pouco, era menos comprometedor. Eu estava falando da arte do movimento.

### **Como foi a relação de Eugênio Barba com a sua cultura de religioso e artista?**

**M.A.O.** - Quando fui trabalhar com Eugênio, ele começou como antropólogo e queria saber muita coisa sobre fundamentos. Quanto mais fundamento para ele mais interessante seria. Mas eu busquei preservar, dei a Eugênio o material que ele queria, mas dentro do limite, dizendo: *Isso aqui é permitido, isso aqui não é permitido; isso aqui é religioso isso é sagrado é coisa de fundamento, não é importante mexer*. Isso foi o que eu consegui falar com Eugênio para que ele entendesse essa diferença e respeitasse. Ele, como grande mestre, respeitou. O que ele trabalhou, trabalhou porque era permitido dentro da Dança dos Orixás. As outras coisas são importantes. O movimento é importante, a dança é importante, então começamos a trabalhar a *dramaturgia da dança*. Porque o que interessava a Eugênio não era tanto o fundamento do candomblé, mas a arte do movimento. Todas aquelas coisas: a codificação, a energia



do movimento, as mudanças de codificações e da energia, como também o trâmite de elementos, a troca de elementos que codificam os Orixás, os estados, a relação com os elementos da natureza. Isso tudo para Eugênio era mito rico. Eu fazia os Orixás, mas fazia dentro daquela coisa muito religiosa. Para mim só existia aquilo, então ele, dentro dessa visão da antropologia, despertou em mim todas essas possibilidades e riquezas que tem os Orixás. Assim comecei a descobrir também, além do que eu tinha feito em nível contemporâneo mais valores, não só a contemporaneidade, mas os conteúdos ricos que servem de metodologia. Descobri a possibilidade de criar um estilo ou criar uma identidade especificamente brasileira. Essa é a grande lição de ter uma técnica específica brasileira baseada na Dança dos Orixás.

### **Como foi o desenvolvimento dessa descoberta?**

**M.A.O.** - Eu vi todas essas possibilidades na Dança dos Orixás devido a um conhecimento técnico que eu já tinha na dança moderna e na dança clássica. Descobri o mesmo potencial na Dança dos Orixás, ou seja, não era uma coisa primitiva, mas uma coisa clássica também. Ela tem seus valores e suas possibilidades de estudos científicos como dos movimentos, de como você pode trabalhar o seu corpo, como adaptar-se aos movimentos, como trabalhar em forma de técnica, preparação corporal para o ator, criação das partituras e de personagens, muitas coisas... a Dança dos Orixás é muito rica! Eu trabalho dentro desta diferença e faço questão de alertar a todos os alunos, e todos que trabalham comigo do que é o religioso e do que não é religioso. Às vezes, as pessoas vêm com esse pensamento de querer fazer o candomblé, como é o candomblé, o que eu faço, eles se sentem um pouco surpreendidos, outras vezes são pessoas de candomblé que não acreditam que estão fazendo aquilo. Essas pessoas estão no mesmo pensamento que eu tinha antes, de que sempre a coisa religiosa e sagrada deve ser guardada e preservada, mas não trabalhada.

### **Porque é importante trabalhar com essa outra visão da cultura do candomblé?**

**M.A.O.** - Porque muita coisa se perdeu com o tempo, a questão da preservação, de manter essa coisa secreta e religiosa um segredo se perdeu muito. Perdeu-se para os antepassados, para os antigos, que de tanto proteger a sua cultura, a sua religião, a sua coisa sagrada morreram com muitas dessas informações, não tiveram a oportunidade de revelar toda essa beleza e essa riqueza. Acho que agora é o momento, cada um de nós



tem a oportunidade de revelar e passar para o mundo esses valores para que reconheçam e que respeitem. Antes os Orixás não tinham esse valor, eram considerados bruxaria, coisa de vodu, coisa que não prestava, não era coisa boa... Hoje eu sinto, em cada lugar no mundo que vou trabalhando, a Dança dos Orixás como seminário, sinto que isso desperta neles a curiosidade, o carinho e o respeito é diferente. Eles respeitam a religião e não mexem muito nessa parte. Os Orixás são muito bem aceitos, respeitados e compreendidos. Por causa dessa curiosidade que meus seminários despertam, as pessoas já começam a me procurar para estudar e ou trabalhar com a Dança dos Orixás. Hoje eu dou seminário no mundo, desenvolvendo essa nova filosofia de trabalho, essa metodologia em cima da Dança dos Orixás. Isso é interessante, é muito rico.

### **Como você analisa a relação dos brasileiros nessa história?**

**M.A.O.** - O que me surpreende é porque o Brasil não se interessa por isso?! Porque poucos brasileiros (se interessam). Você viu... na sala tinham trinta e poucas pessoas. Dessas, de brasileiros eram você e mais três, baiana só tinha uma Realmente é pouco. Então, porque as pessoas não têm o interesse de criar sua própria cultura?! Porque não se interessam em revelar sua identidade cultural de uma maneira muito mais intelectual, muito mais forte, e poder para mudar toda uma consciência... para mudar tudo. A gente fala do preconceito racial e social, mas nós somos os verdadeiros preconceituosos. A todo tempo estamos nos escondendo e protegendo o que é nosso. E sem abrir para o mundo, sem revelar para o mundo esses poderes, essas riquezas, esse potencial que tem a nossa cultura.

### **Na sua percepção porque há tão poucos brasileiros e, principalmente, baianos participando dos seus seminários?**

**M.A.O.** – Acho que é falta de esclarecimento, talvez, falta de interesse. Aqui (em Salvador) pouquíssimas pessoas trabalham com os Orixás, mas existe uma relação forte com eles. Há, de um modo geral (no Brasil), um distanciamento da religião e ao mesmo tempo um grande respeito. Muitas pessoas ainda se sentem incomodadas com isso.

### **Tomando como base o que disse anteriormente, a Dança dos Orixás é uma dança brasileira o uma dança afro?**



**M.A.O.** - Eu vejo muito falar em dança-afro, mas não vejo nenhuma definição do que é dança- afro. Falam de afrodescendente e danças africanas, mas dança africana se faz na África, nós somos brasileiros. Para trabalhar dança africana temos que ir a África ou trazer um africano, porque é completamente diferente. Esse pensamento aqui é um pouco deturpado. Faz-se a dança afro-brasileira como imitação da dança africana... então ainda continuamos num país sem identidade. Estamos sempre buscando a identidade da África para colocar num país fora da África. Também existem os índios, então porque não vão buscar estudar essas misturas de raças aqui dentro [do país] e começar a trabalhar um estilo próprio, ou uma identidade, ou uma condição, que seja só nossa... dos brasileiros. A base que temos aqui das influências africanas é a Dança dos Orixás Não estou dando aula de danças africanas... é diferente. Temos de essência brasileira a Dança dos Orixás, posta em nossa frente, é o que temos que pegar como essência, como nossa identidade e desenvolver. Caso contrário, tira-se o direito do outro ... então vamos convidar um africano para trabalhar, dar aulas da dança africana (qualquer uma) ... e você vai dar aula de dança africana. Aí pode ser dança afro-brasileira de influência africana. O que temos como base de dança de influencia africana?! A Dança dos Orixás - eu acho que é a base de tudo para se começar a estudar.

**Nós fomos ao terreiro Bogum que é da nação jeje, lá tem uns Orixás bem diferentes em relação aos outros terreiros, como o da Casa Branca e o da sua família. O que você diz sobre essas diferenças?**

**M.A.O.** - Não existe diferença, os Orixás são um só em todas as nações. Existe, assim a nação angola, a nação ketu, coisas que as diferenciam, mas o Orixá é único, não tem diferença: que Ogum aqui é um e Ogum lá é outro. É o mesmo Ogum. É como se fosse assim... eu sou de Salvador, você de minas Gérias, ela de São Paulo, mas todo mundo é brasileiro então é o mesmo, não tem muita diferença. A grande diferença que se fala das nações é como se fossem tribos. Aqui no Brasil temos o costume de misturar todos os Orixás, uma casa ou um terreiro tem todos os Orixás. Mas no continente africano os Orixás são separados. Na época do tráfico, vieram escravizados de várias partes do continente africano: angola, ketu... e cada região dessas era uma nação, onde cada um cultuava do seu jeito. Angola cultua só um Orixá que é oxum, a terra de oxum, é a nação de oxum. Então é toda uma aldeia, uma cidade que é de oxum. Lá tem um outro



que é todo de Ogum. Na África é assim que se separam as nações. Aqui no Brasil chegaram negros de várias partes do continente africano e se espalharam pelo país. O que mais predominou aqui foram os angola, os ketu, de Benin, do Senegal, da Nigéria, de Gana, e com esses a sua religiosidade, sua maneira de lidar com os Orixás, mas também seus costumes, suas cores. Aqui é só a casa de Ogum... tem sim, mas como um patrono... aqui é a casa de Omolu, mas onde tem várias pessoas de vários Orixás, entende?! Esse terreiro é o terreiro de Oxum, mas não quer dizer que só tenha Oxum ali dentro, ali você vai encontrar Oxum, Ogum, Yemanjá, Exu, Xangô, todos os Orixás. E é assim, o Brasil é tudo isso! Na verdade é o que abraçou a mãe África, uma forma de proteção, porque às vezes o Brasil é muito mais África do que a própria África. Lá, com a colonização, muitas coisas se perderam e se preservaram aqui. Muitos pais de santo ou yalorixá, babalorixá viajaram para a África, muito mais para passar algumas coisas que eles já haviam perdido... Como mãe Stela, Olga de Araketu, que foram para lá fazer esse intercâmbio, levar algumas coisas daqui que tinham se preservado e trazer algumas coisas de lá para cá.

**Quando você vai para o mundo levar a Dança dos Orixás, como os terreiros e ou o povo-de-santo reage?**

**M.A.O.** - Isso ainda não é bem compreendido, tendo um pouco de resistência. Aqui na Bahia algumas coisas ainda no gueto, eu acho que necessitamos abrir a cabeça para o mundo tem que se globalizar um pouquinho...

ATOTÔ<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Saudação ao Orixá Omolu.